

fortaleza impossível

jason rekulak

Tradução de Sérgio Gonçalves



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

**Este livro é para a minha mãe
e para o meu pai**


```
10 REM *** WELCOME SCREEN ***
20 POKE 53281.0:POKE 53280.3
30 PRINT "{CLR}{WHT}{12 CSR DWN}"
40 PRINT "{7 SPACES}THE IMPOSSIBLE FORTRESS"
50 PRINT "{7 SPACES}A GAME BY WILL MARVIN"
60 PRINT "{9 SPACES}AND MARY ZELINSKY"
70 PRINT "{2 CSR DWN}"
80 PRINT "{7 SPACES}{G}1987 RADICAL PLANET"
90 GOSUB 4000
95 GOSUB 4500
1 ■
```

A MINHA MÃE ESTAVA convencida de que eu não iria morrer de velhice. Na primavera de 1987, poucas semanas após o meu décimo quarto aniversário, ela começou a trabalhar à noite na Food World, pois pagavam um dólar extra por cada hora de trabalho noturno. Eu ficava sozinho a dormir numa casa vazia, enquanto a minha mãe registava compras e se afligia com todas as coisas terríveis que me poderiam acontecer: e se eu me engasgasse com um *nugget* de frango? E se eu escorregasse no duche? E se eu me esquecesse de desligar o fogão e a casa explodisse, tornando-se um inferno ardente? Todas as noites, pelas dez horas, ela ligava-me para se certificar de que eu tinha feito os trabalhos de casa e tinha trancado a porta de entrada. Por vezes chegava mesmo a pedir-me para testar os alarmes de incêndio, apenas por precaução.

Eu sentia-me o miúdo mais sortudo do nono ano. Os meus amigos Alf e Clark vinham a minha casa todas as noites, ansiosos por celebrar a minha recém-descoberta liberdade. Passávamos horas em frente da televisão, fazíamos batidos aos litros, empanturrávamo-nos de biscoitos *Pop-Tarts* e miniaturas de *pizza* até nos darem a volta ao estômago. Fazíamos maratonas de *Risco* e *Monopólio*, que se arrastavam por dias a fio e, invariavelmente, terminavam sempre num perdedor furioso a lançar o tabuleiro para fora da mesa. Discutíamos sobre música e filmes; tínhamos debates empolgantes sobre quem ganharia num combate: Rocky Balboa ou Freddy Krueger? Bruce Springsteen ou Billy Joel? Magnum P.I. ou T. J. Hooker ou MacGyver? Todas as noites pareciam uma festa do pijama, e lembro-me de pensar que os bons tempos jamais teriam fim.

Foi então que a *Playboy* publicou fotos da apresentadora da *Roda da Sorte*, Vanna White, eu fiquei caidinho por ela e tudo começou a mudar.

Alf foi o primeiro a descobrir a revista, e veio a correr do quiosque de Zelinsky para nos contar a novidade. Clark e eu estávamos sentados no sofá da minha sala de estar, a assistir ao *MTV Top 20 Video Countdown*, quando Alf irrompeu pela porta da frente.

— O rabo dela está na capa — disse ele, ofegante.

— O rabo de quem? — perguntou Clark. — Que capa?

Alf lançou-se para o chão, deitando-se de lado, já sem fôlego.

— Vanna White. A *Playboy*. Acabei de ver um exemplar e o rabo dela está na capa!

Aquelas eram notícias estrondosas. A *Roda da Sorte* era um dos programas mais populares da televisão, e a apresentadora, Vanna White, era o orgulho de toda a nação, uma miúda oriunda da pequena cidade de Myrtle Beach, que alcançara a fama e a fortuna virando as letras de *puzzles* de palavras. As notícias das fotos da *Playboy* já haviam invadido os cabeçalhos dos tabloides nos supermercados: uma VANNA CHOCADA E HUMILHADA alegava que as IMAGENS EXPLÍCITAS haviam sido tiradas anos antes e nunca com as páginas da *Playboy* em mente. Ela avançara com um processo judicial de 5,2 milhões de dólares, por forma a impedir a sua publicação, e agora — após meses de rumores e especulação — a revista tinha chegado finalmente às bancas.

— Foi a coisa mais incrível que alguma vez vi — continuou Alf. Ele subiu a uma cadeira e imitou a pose de Vanna. — Ela está sentada no peitoril de uma janela, assim. E está inclinada para fora. Como se estivesse a verificar o tempo. Com o pormenor de não estar a usar calças!

— Isso é impossível — disse Clark.

Morávamos os três no mesmo quarto, e, com o passar dos anos, tínhamos aprendido que o Alf tinha uma apetência para exagerar. Como na altura em que alegara que John Lennon tinha sido assassinado com uma metralhadora. No topo do Empire State Building.

— Juro pela vida da minha mãe — disse Alf, e ergueu a sua mão em ato de juramento. — Que lhe caia um trator em cima se eu estiver a mentir.

Clark baixou-lhe o braço.

— Não devias dizer coisas dessas — disse-lhe ele. — A tua mãe tem sorte por ainda estar viva.

— Pois a *tua* mãe é como o McDonald's — retorquiu Alf, de imediato. — Todos os dias a garantir a satisfação de milhões de clientes.

— A minha mãe? — perguntou Clark. — Porque trazes tu a minha mãe à baila?

Alf limitou-se a continuar.

— A tua mãe é como um guarda-redes. Na hora do penálti, está sempre pronta a levar com mais um frango entre as pernas.

Ele tinha um conhecimento enciclopédico de anedotas de A Tua Mãe, e não tinha medo de recorrer a elas à mínima provocação.

— A tua mãe é como um restaurante de *sushi*...

Clark arremessou uma almofada pela sala, acertando em cheio na cara de Alf. Furioso, Alf atirou-lha de volta com o dobro da força, passando ao lado de Clark e derrubando o meu copo de *Pepsi*. Um monte de espuma efervescente e de gás derramou-se por toda a carpete.

— Merda! — exclamou Alf, apressando-se a limpar a bodega. — Desculpa, Billy.

— Não há problema — disse-lhe eu. — Vai simplesmente buscar alguns toalhetes de papel.

Não fazia sentido estar a tornar a situação pior. Eu não ia propriamente deixar de me dar com o Alf e o Clark, ou arranjar uma nova dupla de amigos mais atenciosos. Nove meses antes, tínhamos os três acabado de aterrar no nono ano, assistindo a como os nossos colegas se dedicavam ao desporto, participavam em associações e se embrenhavam no estudo. No entanto, de alguma forma, limitávamo-nos a orbitar em seu redor, como se não nos adaptássemos.

No nono ano, eu era o rapaz mais alto, mas não posso dizer que ser alto fosse uma coisa boa; eu andava desengonçado pela escola como uma girafa bebé, com pernas finas como palitos e braços balançantes, à espera de que

o resto do corpo os acompanhasse. Alf era mais baixo, mais robusto, suave mais, e, para sua maldição, partilhava o nome com o extraterrestre mais famoso da televisão — um boneco de um metro de altura com a sua própria série na NBC. As semelhanças entre eles eram desconcertantes. Ambos os Alfs tinham a constituição de um *troll*, com narizes grandes, olhos lustrosos e cabelo castanho desgrenhado. Até os nossos professores brincavam com a situação, dizendo que pareciam gémeos.

Mesmo assim, e apesar de todos os nossos defeitos, Alf e eu sabíamos que estávamos bem melhor do que Clark. Todas as manhãs, ele arrastava-se para fora da cama com a figura de um galã de uma capa da *Bravo*. Ele era alto e musculado, com cabelo loiro ondulado, olhos azuis penetrantes e uma pele perfeita. Quando ia a um centro comercial, assim que o viam as miúdas ficavam de boca escancarada, como se ele fosse o River Phoenix ou o Kiefer Sutherland — isto até se aproximarem o suficiente para conseguirem ver a Garra, afastando de imediato o seu olhar. Uma deficiência de nascença bizarra tinha unido os dedos da mão esquerda de Clark, transformando-a em algo semelhante a uma pinça de caranguejo cor-de-rosa. Para dizer a verdade, não tinha qualquer utilidade — ele conseguia abri-la e fechá-la, mas não era suficientemente forte para pegar em algo maior ou mais pesado do que uma revista. Clark jurara que, quando fizesse dezoito anos, encontraria um médico que a cortasse, nem que para isso tivesse de pagar um milhão de dólares. Até que esse dia chegasse, ele limitar-se-ia a viver a vida cabisbaixo, com a Garra metida no bolso, evitando atenções indesejadas. Nós sabíamos que Clark estava condenado a uma vida de celibato — que ele nunca iria ter uma namorada de carne e osso —, por isso ele precisava da *Playboy* de Vanna White mais do que qualquer outra pessoa.

— Ela está no *poster* da revista? — questionou ele.

— Não sei — respondeu Alf. — O Zelinsky tem a revista por trás da registadora. Ao lado dos cigarros. Não me consegui aproximar.

— Não a compraste? — perguntei.

Alf bufou.

— Oh, sim, fui logo ter com o Zelinsky e pedi-lhe uma *Playboy*. E um *pack* de seis cervejas. E olha, aproveitei e até lhe pedi umas ganzas. Está doido?

Todos sabíamos que comprar a *Playboy* estava fora de questão. Já era suficientemente difícil comprar música *rock*, com todos aqueles avisos de Jerry Falwell acerca das influências satânicas, e com o Tipper Gore a alertar

os pais para as letras explícitas. Nenhum quiosque na América iria vender uma *Playboy* a um rapaz de catorze anos.

— O Howard Stern disse que as fotos estão incríveis — explicou Clark.
— Ele disse que dá para ver ambas as mamas bem de perto. Mamilos, dutos de leite, tudo.

— Dutos de leite? — perguntei.

— *Ductos*, com um C — corrigiu Clark.

— Os anéis vermelhos em redor dos mamilos — explicou Alf.

Clark abanou a cabeça.

— Isso são as auréolas, idiota. O ducto do leite é a abertura no mamilo.

De onde sai o leite.

— Os mamilos não têm abertura — disse Alf.

— Claro que têm — disse Clark. — Por isso é que são sensíveis.

Alf levantou a sua *T-shirt*, expondo o seu peito e barriga flácidos.

— Então e os *meus* mamilos? Têm abertura?

Clark tapou os olhos.

— Por favor, tapa-me isso. Por favor.

— Eu não tenho aberturas nos mamilos — insistiu Alf.

Eles estavam sempre em guerra para ver quem sabia mais sobre raparigas. Alf reivindicava a autoridade para si, por ter três irmãs mais velhas. Clark obtinha todas as suas informações do livro *ABZ of Love*, o estranho manual de sexo dinamarquês que tinha encontrado no fundo da gaveta de roupa interior do seu pai. Eu não tentava competir com nenhum deles. Tudo o que eu sabia é que não sabia nada.

Entretanto, eram já sete e meia da tarde e a *Roda da Sorte* começou. Alf e Clark ainda estavam a discutir sobre ductos de leite, por isso pus o volume da televisão no máximo. Como tínhamos a casa por nossa conta, podíamos dar-nos ao luxo de ser o mais barulhentos e ruidosos possível.

— Veja bem este estúdio, cheio de prémios fantásticos! Ofertas fabulosas e empolgantes!

Todos os episódios começavam da mesma forma, com o locutor Charlie O'Donnell a apresentar uma amostra dos maiores tesouros da noite.

— Umas férias à volta do mundo, um magnífico relógio suíço e um jacúzi novinho em folha! Mais de oitenta e cinco mil dólares em prémios, à espera de serem ganhos na *Roda da Sorte*!

A câmara apresentava um grande plano da exposição, cheia de bagagens, barcos-casa e processadores de comida. O momento em que as ofertas eram mostradas era, por si só, o maior prémio, ao ser apresentado pela

própria Vanna White, com um metro e sessenta e oito de altura, cinquenta e dois quilos, embrulhada num casaco de pelo de chinchila no valor de doze mil dólares. Alf e Clark pararam de brigar e todos nos aproximámos mais da televisão. Vanna era, sem sombra de dúvida, a mulher mais bela na América. Sim, claro, poder-se-ia argumentar que Michelle Pfeiffer tinha olhos mais bonitos, que Kathleen Turner tinha pernas mais vistosas e que Heather Locklear tinha, de uma forma geral, o melhor corpo. Mas nós venerávamos no altar da Miúda do Lado. Vanna White era dona de uma pureza e inocência que a elevavam acima de todas as outras.

Clark aproximou-se de mim e tocou-me no joelho com a Garra.

— Amanhã vou ao quiosque do Zelinsky — disse ele. — Quero ver a capa com os meus próprios olhos.

— Eu vou contigo — disse-lhe eu, sem nunca tirar os olhos do ecrã do televisor.

```
200 REM *** ESTABLISHING DIFFICULTY ***
210 PRINT "{CLR}{15 CSR DWN}"
220 PRINT "SELECT SKILL LEVEL"
230 PRINT "EASY-1 NORMAL-2 EXTREME-3"
240 INPUT "YOUR CHOICE? ":SL
250 IF SL<1 OR >3 THEN GOTO 200
260 IF SL=1 THEN PK=10
270 IF SL=2 THEN PK=15
280 IF SL=3 THEN PK=20
290 RETURN
```

1 ■

NÓS MORÁVAMOS EM WETBRIDGE, oito quilómetros a oeste de Staten Island, numa região geográfica conhecida entre os comediantes de *stand-up* como o Sovaco da Nova Jérсия. Tínhamos fábricas e refinarias, rios poluídos e engarrafamento de trânsito, moradias unifamiliares a abarrotar de gente e muitas igrejas católicas. Se se quisesse comprar algo, era necessário ir “à Baixa”, uma extensão de dois quarteirões de pequenas lojas familiares adjacentes à estação ferroviária. A Baixa tinha uma loja de bicicletas, uma loja de animais, uma agência de viagens e meia dúzia de lojas de roupa. Todos estes negócios haviam prosperado durante os anos cinquenta e sessenta, mas, por volta de 1987, começaram lentamente a fechar, ainda que com resistência, esmagados pela competição dos novos centros comerciais. Quase todos os dias, podia circular livremente com a minha bicicleta

pelos passeios, uma vez que não havia quaisquer lojistas a bloquear o meu caminho.

A loja Máquinas de Escrever e Material de Escritório de Zelinsky era a única na cidade que vendia a *Playboy*. Estava situada do lado oposto à estação ferroviária, na Market Street, um edifício cor de tijolo de dois andares, com máquinas de escrever antigas nas montras. A lona acima da porta anunciava “Manuais*Elétricas*Fitas*Reparações”, mas a maior parte do negócio de Zelinsky provinha do quiosque no interior, logo a seguir à porta da entrada. Ele vendia cigarros, jornais e servia café aos transeuntes apressados para apanharem o seu comboio da manhã.

Deixámos as nossas bicicletas no passeio e Clark entrou para confirmar a história de Alf. Regressou uns momentos mais tarde, com o rosto corado, parecendo atordoado.

— Viste a revista? — perguntei. — Estás bem?

Clark anuiu.

— Está numa prateleira, por detrás da caixa registadora. Tal como ele disse.

— E o rabo dela está na capa — acrescentou Alf.

— E o rabo dela está na capa — admitiu Clark.

Sentámo-nos todos num banco, para debatermos uma estratégia. Eram três e meia da tarde e sabia bem estar ao ar livre; até à data, era o dia mais quente do ano, e o verão estava à espreita.

— Já resolvi o problema — disse Alf. Olhou em redor para se certificar de que não havia ninguém a ouvir. — Vamos contratar alguém para comprar a revista.

— Contratar alguém? — perguntei.

— A revista custa quatro dólares e precisamos de três cópias. Isso dá um total de doze dólares. Mas daremos a alguém vinte dólares para as comprar. Nós ficamos com as *Playboys* e essa pessoa fica com um lucro de oito dólares. Simplesmente por comprar as revistas!

Alf falava como se tivesse revelado algo de magnífico, como se tivesse acabado de magiar um plano para roubar o ouro de Forte Knox. Mas quando Clark e eu olhámos para a Main Street, tudo o que vimos foi mãos a empurrar carrinhos de bebés e alguns idosos a aguardar pelo autocarro.

— Nenhuma destas pessoas nos vai ajudar — disse eu.

— Nenhuma *destas* pessoas — corrigiu Alf, colocando a ênfase no sítio certo. — Apenas temos de ser pacientes até que a pessoa indicada apareça. A Operação Vanna tem tudo que ver com paciência.

Alf era a mente brilhante por detrás de todas as nossas façanhas, como a Operação Gole Grande (na qual roubávamos cassetes de música utilizando copos de refrigerantes de dois litros da loja de conveniência) e a Operação Cagadela Real (na qual destruímos uma sanita da escola utilizando petardos). Ele vibrava com a ideia de quebrar as regras e desafiar a autoridade, e quando metia um objetivo na cabeça, perseguia-o semanas a fio, com obstinada determinação. Seria apenas uma questão de tempo, avisava a minha mãe, até que Alf acabasse preso ou morto.

Mantivemo-nos sentados no banco, observando os carros que circulavam pela Market Street, escrutinando cada transeunte. Todos concordávamos que precisávamos de um homem — mas era precisamente esse o problema, não havia homens a circular por Wetbridge às três e meia da tarde. Estavam todos ocupados nos seus trabalhos. E sempre que passava um tipo qualquer por nós, inventávamos uma razão para o desqualificarmos:

- Ele parece demasiado novo.
- Ele parece demasiado velho.
- Ele parece demasiado mau.
- Ele parece um padre à paisana.

Mais uma das coisas de Alf — a sua família era católica e ele estava sempre a avisar-nos sobre padres à paisana, homens sagrados vestidos com roupas normais e que patrulhavam Wetbridge, à procura de arruaceiros. Clark e eu dizíamos-lhe que isso não passava de uma tanga; não havia qualquer referência a “padres à paisana” no dicionário ou na enciclopédia ou em qualquer livro na biblioteca. Alf insistia que esse sigilo era propositado; alegava que os padres à paisana moravam na penumbra, completamente anónimos, seguindo ordens rigorosas do Vaticano.

Sentámo-nos no banco por bem mais do que uma hora e Clark começava a ficar impaciente.

— Isto não faz sentido — disse ele. — Vamos até à Video City. Podemos alugar o *Kramer contra Kramer*.

— Outra vez, não — disse Alf.

— Sempre é melhor do que ficarmos aqui a noite toda — disse Clark.

A Video City controlava os BI e recusava o aluguer de filmes para maiores de dezoito a quem tivesse uma idade inferior a essa. Mas Clark investigou o seu inventário de filmes e descobriu uma série de filmes para maiores de treze com uma quantidade surpreendente de nudez feminina: *Barry Lyndon*, *Barbarella*, *Perigo no Pântano*. O melhor desses

filmes era *Kramer contra Kramer*, o vencedor do Óscar para Melhor Filme em 1979, com Dustin Hoffman e Meryl Streep nos papéis principais. A história — algo sobre dois adultos que se divorciavam — era terrivelmente enfadonha, e nós puxávamos sempre quarenta e quatro minutos para a frente, altura em que a mulher com quem Dustin Hoffman teve um caso de uma noite se levanta da cama para ir à casa de banho. O que se segue são cinquenta e três segundos de nudez completa frontal de fazer cair o queixo, filmados a partir de múltiplos ângulos. Já tínhamos alugado o filme uma dúzia de vezes, mas nunca assistíramos a mais de um minuto do mesmo.

— Estou farto do *Kramer contra Kramer* — disse Alf.

— E eu cansado de estar sentado neste banco — disse Clark. — Nenhuma destas pessoas nos vai ajudar. A Operação Vanna não está a funcionar.

— O trânsito está a aumentar — salientei eu. — Vamos esperar mais um pouco.

Ao final da tarde, os comboios começavam a chegar a cada quinze minutos, trazendo consigo dezenas de passageiros masculinos com a idade adequada, a maioria deles vestida com sobretudos e carregando pastas. Passavam por Zelinsky no percurso de saída da estação e alguns entravam na loja para comprar cigarros ou raspadinhas. Mas ficávamos a vê-los passar por nós sem proferirmos uma única palavra. Não conseguíamos convencer-nos a pedir ajuda a qualquer um deles. Pareciam ser demasiado respeitáveis.

— Talvez *devêssemos* desistir da ideia — sugeri.

— Obrigado — disse Clark.

Mas Alf já estava a apontar para a estação, para o outro lado da rua.

— Ali — disse ele. — *Aquele tipo*.

Entre a multidão de engratados, surgiu um homem jovem vestido com uns calções de ganga, uma camisa de flanela vermelha e óculos *Ray-Ban*. Fiquei com a sensação de que já o tinha visto antes, talvez a andar pelo parque de estacionamento do Wetbridge Liquors. O seu cabelo assemelhava-se ao de Billy Idol, num tom oxigenado e espetado, mantendo-se totalmente na vertical.

— Ele parece... suspeito — disse eu.

— Suspeito é bom — disse Clark. — Nós *queremos* alguém suspeito.

— Desculpe, senhor! — chamou Alf.

Ele nem sequer hesitou. Virou-se na nossa direção como se estivesse habituado a ser chamado por miúdos de catorze anos. Os óculos de sol

espelhados tornavam impossível ler-lhe a expressão, mas pelo menos estava a sorrir.

— O que se passa, colegas?

Alf estendeu-lhe os vinte dólares.

— Pode comprar-nos algumas *Playboys*?

O seu sorriso alargou-se.

— Vanna White! — disse ele, mostrando estar a par do assunto. — Já ouvi falar dessas fotos!

— Três cópias são doze dólares — explicou Alf. — Pode ficar com o troco.

— Bolas, meu, não tens de me pagar. Eu faço-o de graça.

Fitámo-lo em completa incredulidade.

— A sério? — perguntou Alf.

— Claro, eu cresci nas redondezas. O meu nome é Jack Camaro, como o carro. — Deu um aperto de mão a cada um de nós, como se fôssemos velhos amigos. — Fico contente por poder ajudar. Precisam de mais alguma coisa? Uma *Penthouse*? Cigarros? Talvez uma garrafinha de *Bartles and Jaymes*?

Alfred contou doze dólares e colocou-os na palma da sua mão.

— Só as três *Playboys*.

— Ficamos-lhe mesmo agradecidos — disse-lhe eu. — Obrigado.

— Três *Playboys* — repetiu Jack Camaro. — Não há problema. Esperem aqui.

Ele entrou na loja de Zelinsky, nós os três a fitá-lo, completamente boquiabertos. Era como se tivéssemos chamado um génio mágico para obedecer a cada pequeno capricho e vontade nossa. Uns momentos mais tarde, Jack Camaro saiu da loja e dirigiu-se a nós, ainda com os doze dólares na mão.

— Acabei de ter uma ideia marada — disse ele. — Vocês têm mesmo a certeza de que três cópias chegam?

— Três são suficientes — disse eu.

— Uma para cada um de nós — disse Alf.

— Oçam só — disse Jack Camaro. — De certeza que a vossa escola está cheia de pessoal carente que quer ver estas imagens. Se vocês comprassem algumas revistas extra, poderiam vendê-las ao preço que bem entendessem.

Apercebemo-nos imediatamente da genialidade daquela proposta e começámos todos a falar ao mesmo tempo. A maioria dos nossos colegas

de turma gastaria de bom grado dez, quinze ou até mesmo vinte dólares para poder ter para si as fotos da Vanna White. Jack Camaro sugeriu que adquiríssemos “cópias de aluguer” para todos os outros; poderíamos emprestá-las a um ou dois dólares por noite, tal como acontecia com os filmes na Video City.

— Você é um génio! — exclamou Clark.

Jack Camaro encolheu os ombros.

— Sou empreendedor. Procuo oportunidades. A isto chamamos oferta e procura.

Levámos as nossas mãos ao fundo dos nossos bolsos e sacámos o resto do nosso dinheiro — mais vinte e oito dólares. Jack Camaro compraria dez cópias por um total de quarenta dólares, mas insistimos para que ele ficasse com uma das revistas, como forma de compensação.

— Isso é demasiada generosidade — disse ele.

— É o mínimo que podemos fazer — insistiu Alf.

Ele entrou na loja com o nosso dinheiro e nós regressámos ao nosso banco. Subitamente, as nossas vidas pareciam cheias de esperança e possibilidades. Com a ajuda de Jack Camaro, seríamos *todos* empreendedores.

— E vamos fazer uma fortuna! — exclamou Alf.

— Tem calma — disse-lhe Clark. — Não nos deixemos levar pelo entusiasmo.

Ele argumentou que deveríamos ser sensatos e investir os lucros em mais revistas — não só da *Playboy*, mas também da *Penthouse*, *Hustler*, *Gallery* e *Oui*.

— Estou a falar de centenas de cópias. Se tivermos inventário suficiente, o céu será o limite!

Alf anunciou os seus planos para comprar um *Ford Mustang*; Clark disse que utilizaria o dinheiro numa cirurgia para remover a Garra; e eu ajudaria a minha mãe com as contas, para que ela não estivesse sempre preocupada.

Estes sonhos duraram uns bons seis ou sete minutos.

— Ele está a demorar o seu tempo — disse Clark, por fim.

— É hora de ponta — argumentou Alf. — A loja fica cheia nesta altura.

Mas tínhamos estado a observar a porta durante todo aquele tempo, e não houve quaisquer outros clientes a entrar ou a sair do edifício.

— Talvez ele seja um padre à paisana — sugeri. — Talvez ele e o Zelinsky estejam a ligar para o Vaticano.

Alf virou-se para mim, furioso.

— Isso acontece mesmo, Billy! Tu não ouves falar sobre isso porque os padres à paisana dispensam a publicidade, mas acontece!

— Tem calma — disse Clark, num tom suave.

Contámos até cem antes de enviarmos o Clark à loja, para investigar. Ele prometeu não dizer nem fazer algo que pudesse comprometer o plano. Limitar-se-ia a localizar Jack Camaro e a reportar-nos a ocorrência. Desapareceu na porta. Alf e eu mantivemo-nos imóveis. O segundo ponteiro do meu relógio *Swatch* marcou um minuto, depois outro, e depois outro. Não nos mexemos. Limitávamo-nos a observar a porta, à espera de que Clark regressasse.

— Passa-se algo — disse Alf.

— Não há dúvida de que se passa algo — disse Clark.

Subitamente, Clark encontrava-se atrás de nós, como Doug Henning ou David Copperfield ao escapar de uma caixa fechada.

Alf girou para trás.

— Mas que raio? Como é que tu...?

— Há uma entrada nas traseiras, idiota. Tem um estacionamento na parte de trás da loja.

— Bem, onde está o Jack Camaro? — perguntei.

A minha pergunta pairou no ar até a verdade assentar. Há muito que Jack Camaro se pisgara, quarenta dólares mais rico. Os nossos sonhos de empreendedorismo e prosperidade financeira foram pelo cano abaixo. Entre os três, já só tínhamos 1,52 dólares, por pouco nem o suficiente para alugarmos um filme.

— *Kramer contra Kramer?* — perguntou Clark.

Arrastámo-nos até à Video City.


```
300 REM *** TRANSFER CHARACTER SET ***
```

```
310 PRINT "SETTING UP THE GAME..."
```

```
320 PRINT "PLEASE WAIT..."
```

```
330 POKE 56334,0
```

```
340 POKE 1,51
```

```
350 FOR ADDRESS=2048 TO 6143
```

```
360 POKE ADDRESS,PEEK(ADDRESS+51200)
```

```
370 NEXT ADDRESS
```

```
380 POKE 1,55:POKE 56334,125
```

```
390 RETURN
```

```
1 ■
```

ANTES DE CONTINUAR, PRECISO de fazer uma pausa e contar-vos acerca do *Strip Poker com Christie Brinkley*. Era um jogo de computador que jogávamos no meu Commodore 64, um simulador que colocava humanos contra uma supermodelo num jogo de *stud* de cinco cartas. A máquina desempenhava o papel de Christie Brinkley, a mulher mais bela do mundo até ao aparecimento de Vanna White, e a imagem dela mantinha-se no centro do ecrã durante todo o jogo. De cada vez que perdia uma mão, a sua blusa, a sua saia ou o seu *soutien* desapareciam; o objetivo era ganhar as roupas dela antes que ela ganhasse as nossas. O pormenor mais fascinante do *Strip Poker com Christie Brinkley* era o facto de não poder ser comprado em nenhuma loja. Os meus amigos e eu éramos as únicas pessoas que alguma vez o tinham jogado. Eu criara o jogo sozinho, escrevendo centenas de linhas de código BASIC no computador.

Alf adorava trocar da simplicidade do jogo. Eu tinha ilustrado a Christie Brinkley utilizando caracteres ASCII — uma mistura de símbolos matemáticos e de pontuação —, pelo que ela não passava de uma figura quadriculada:



Eu tinha noção de que não era nenhuma Mona Lisa, mesmo assim estava orgulhoso do jogo. Tinha passado semanas a ensinar ao computador a diferença entre dois pares, três pares e um *royal flush*. Tinha até encontrado uma forma de transformar cartas aleatórias em *joker*. Alf não nutria qualquer apreço por isso. Limitava-se a queixar-se de que a Christie do computador não tinha pelos púbicos; nem sequer tinha pulsos.

— Além disso, as pernas dela não são suficientemente longas — queixou-se Alf. — Ela não está propositada.

— Queres dizer proporcional? — perguntei-lhe.

— Exatamente! É terrível!

Eu tentava não levar as críticas de Alf a peito. Recordava a mim próprio que ele não fazia a mínima ideia do trabalho necessário para a criação de um jogo de computador — nenhum dos meus colegas de turma fazia.

A nossa escola tinha um laboratório apetrechado de computadores TRS-80 novinhos em folha, mas estávamos em 1987 e nenhum dos nossos professores sabia o que fazer com eles. Utilizavam os mesmos para nos dar dicas de digitação e fazer exercícios de vocabulário.

A maioria dos miúdos ainda não tinha computador em casa. Eu era um dos felizardos. A minha mãe ganhou o Commodore 64 através de um concurso de um banco, o Wetbridge Savings and Loan. Quando o trouxe para casa, não me pareceu mais do que uma máquina de jogos vistosa — um Atari 2600 em modo turbo. Contudo, após montar todos os componentes e ler o manual de utilizador, fiquei abismado ao descobrir que o Commodore 64 deixava o utilizador *criar* os seus próprios jogos — aventuras espaciais, batalhas fantásticas, corridas de carros, tudo o que se quisesse. E, num piscar de olhos, fiquei viciado.

Enquanto os meus professores debitavam informação acerca de equações algébricas e da Revolução Americana, eu sentava-me ao fundo da sala, espreitando sorratamente o *Manual de Referência do Programador Commodore* e esboçando imagens de 8 bits em papel gráfico. Fiz a subscrição de publicações amadoras com páginas preenchidas com código BASIC (FOR X=1020 TO 1933 STEP 3), código esse que os leitores podiam digitar diretamente nas suas máquinas. Era frequente ficar acordado a inserir programas até à uma ou duas da manhã. Era uma tarefa morosa e enfadonha, mas cada programa ensinava-me algo novo, e por vezes eu copiava trechos de código para os meus próprios jogos. Alf e Clark eram as únicas pessoas que jogavam as minhas criações, e o *Strip Poker com Christie Brinkley* era o meu jogo mais ambicioso até à data — feito à medida, para obter a sua aprovação.

— Os mamilos dela são feitos de zeros! — queixava-se Alf. — Essa é a pior parte. Quem é que quer jogar *strip poker* com uma Christie Brinkley cujos mamilos são feitos de zeros? Não os consegues arredondar um pouco mais?

Isto passou-se alguns dias após o incidente com Jack Camaro, e estávamos reunidos à volta do computador, no meu quarto, a beber *RC Cola*¹ e a morrer de tédio.

— Posso sempre mudá-los para asteriscos — sugeri, mas Alf e Clark concordaram ambos que os asteriscos pareciam ainda piores.

— Esquece, Billy — disse Alf. — Vamos simplesmente jogar outra coisa.

¹ Marca de refrigerante de cola que surgiu nos Estados Unidos em 1905. (NT)

Ele ejetou a disquete da *drive*. Tentei arrancar-lha da mão antes que ele pudesse ver, mas não fui suficientemente rápido. Eis o que lá dizia:

**STRIP POKER COM CHRISTIE BRINKLEY
UM JOGO CRIADO POR WILLIAM MARVIN
COPYRIGHT © 1987 PLANET WILL SOFTWARE**

Alf leu a etiqueta e riu-se.

— *William* Marvin? — perguntou.

Eu corei.

— É esse o meu nome.

— Mas quê, tipo William Shakespeare?

Clark inclinou-se, para conseguir ver.

— O que é isto, Planet Will Software?

— É a minha empresa — disse eu.

Alf riu-se ainda mais alto.

— A tua *empresa*?

Era uma daquelas ideias que não soam ridículas até que alguém as pronuncia em voz alta.

— Esquece — disse eu.

Mas Alf estava apenas a aquecer. Gesticulou em redor do meu minúsculo quarto, apontando para os *posters* nas paredes de Spuds MacKenzie² e de supermodelos em biquínis.

— É esta a tua sede corporativa? Posso ser o diretor executivo?

— É só uma brincadeira — disse-lhe eu. — Escrevi-o na etiqueta para ficar engraçado.

Alf não parecia convencido, por isso agarrei-me à distração que estava mais à mão — a edição de fatos de banho da *Sports Illustrated*, de 1987 — e lancei-a para o seu colo.

— Dá uma olhadela à página noventa e oito. A Kathy Ireland está a balançar-se numa liana, tal como o Tarzan.

A artimanha funcionou — Alf abriu a revista e parou de me atazanar — e eu fiquei aliviado. Embora ele e Clark fossem os meus melhores amigos, não lhes tinha contado nada acerca do meu plano secreto de ganhar a vida

² Personagem ficcional de um cão criada pela marca de cerveja *Bud Light*, para uma campanha maciça de publicidade nos anos oitenta. (NT)

a produzir videogames quando crescesse. Eu queria ser o próximo Mark Cerny, o lendário criador de videogames contratado pela Atari quando tinha apenas dezassete anos. Queria fazer parceria com visionários como Fletcher Mulligan, o lendário fundador da Digital Artists, e queria ter a minha própria empresa de *software*. Tudo isto pareciam coisas tolas de se dizer em voz alta — semelhante a anunciar-se que se vai ser astronauta ou Presidente dos Estados Unidos. Quando adultos me perguntavam o que queria fazer da minha vida, limitava-me a encolher os ombros e murmurava:

— Não sei.

Alf enfiou o nariz na revista, tentando inalar o odor de Kathy Ireland, mas Clark continuava a apertar a disquete com a sua Garra, como se tivesse sido assomado por uma ideia brilhante.

— A Planet Will é um negócio real — disse ele.

— É só uma piada — insisti.

— Mas podia ser real — explicou ele. — Há adolescentes que criam videogames e os vendem. Gerem autênticos negócios a partir das suas garagens. E compram o seu material de escritório em lojas como a do Zelinsky.

Clark abriu o meu roupeiro e começou a retirar roupas que eu já não usava há anos — o casaco desportivo da minha graduação no sexto ano, as calças que eu levava vestidas para a igreja no Natal e na Páscoa, sapatos pretos gastos que jamais me voltariam a servir.

— Veste isto e calça estes sapatos — disse-me ele.

— De que estás a falar? — perguntei.

— Operação Vanna, parte dois — disse ele. — Tive uma ideia melhor, e esta vai funcionar.